André Pomponet

O primeiro contato com a poesia de Manuel Bandeira

André Pomponet - 18 de Abril de 2021 | 19h 15

Amanhã é 19 de abril, Dia do Índio. Lembro das celebrações escolares na década de 1980. Naquele tempo, a garotada pintava o rosto e saía com penachos de papel e cartolina, em desfiles marciais pelas ruas ensolaradas do Sobradinho. Até então, os índios ainda figuravam como parte da identidade nacional. Hoje, coitados, fanáticos querem convertê-los à força ao cristianismo farisaico que se vê aí na praça; garimpos ilegais violam suas reservas; criminosos extraem madeira impunemente e a Covid-19 avança como mais recente flagelo.

Mas, até para preservar a sanidade, é bom lembrar também de coisas alegres, do que é vida e exaltação da vida. Afinal, 19 de abril é a data de nascimento de Manuel Bandeira. Há exatos 135 anos, em 1886, o poeta – um dos mais importantes do século XX – nascia no Recife. Mas foi no Rio de Janeiro que ele passou boa parte da vida. Lá produziu sua obra, contribuindo para firmar a capital fluminense no imaginário da poesia brasileira.

Há três décadas deparei-me com sua poesia nas aulas de Literatura Brasileira. Li “Evocação do Recife”, “Vou-me embora pra Pasárgada”, “Pneumotórax”, “Os Sapos”, e outros, e outros. Mas foi “Profundamente” que me impressionou mais vivamente. O duro contraste da festa de São João, que é o símbolo maior da alegria do nordestino, com a melancolia e a tristeza dilacerantes daqueles versos me desconcertou.

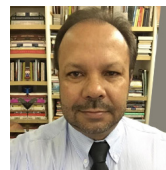
Na noite da véspera do São João de 1992 saí com aqueles versos na cabeça, chamejantes: “Quando ontem adormeci/Na noite de São João/Havia alegria e rumor/Estrondos de bombas luzes de Bengala/Vozes cantigas e risos/Ao pé das fogueiras acesas”.

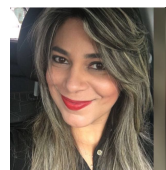
Mais adiante, vinha o vívido contraste: “No meio da noite despertei/não ouvi mais vozes nem risos/Apenas balões/Passavam errantes/Silenciosamente (...) Onde estavam os que há pouco/Dançavam/Cantavam/E riam/Ao pé das fogueiras acesas?”.

Desci o aclive suave da rua Arivaldo de Carvalho, tomei a Voluntários da Pátria e subi o Nagé. Enxergava as nuvens cinzas que a fumaça e as luzes dos fogos avermelhavam; poucas fogueiras acesas, o licor de jenipapo, a triste teimosia de quem sustentava a tradição e resistia aos chamativos forrós em São José; no céu, às vezes, a chama fosca de um balão que passava errante, silenciosamente...

Açoitado por uma platônica paixão juvenil segui em frente, transpus a Praça Froes da Mota, deserta, escura e silenciosa. Foi então que no começo da Sales Barbosa me deparei com uma mendiga que dormia um sono profundo defronte à porta de uma loja. Os versos de

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira
Por um planejamento de long prazo no enfrentamento à pandemia
História do Brasil

André Pomponet
O São João no Centro de Abastecimento
Carne em self service virou l rico

Emanuela Sampaio
Jéssica Azevedo Confeitaria Campeã do Que Seja Doce (G elabora delícias juninas
Amanhã, 22, é o último dia pa encomendar o Box de São Jo Buffet Fernanda Possa

César Oliveira- Crônicas
O mal estar do século e a falt porrada
Faça o dia bem feito

AS MAIS LIDAS HOJE

1

Jéssica Azevedo Confeitaria Campeã do Que Doce (GNT) elabora delícias juninas

"Profundamente" cintilaram novamente, num estalo: " – Estavam todos dormindo/Estavam todos deitados/Dormindo/Profundamente".

Retive a marcha para fixar aquelas lembranças: o céu avermelhado, denso de nuvens; a luz metálica, opaca, triste, dos postes de iluminação; o vigia na esquina seguinte, estupefato com a inesperada presença daquele pedestre; e o rosto sereno da mendiga, que dormia indiferente aos balões, aos fogos, às fogueiras, às celebrações juninas. Aquilo – acalentava com as furiosas ambições juvenis – tinha que render uma literatice qualquer.

Depois, em casa, voltei a Manuel Bandeira e o impulso inicial esfriou. Faltava-me estofo para aquela empreitada. Mas nunca esqueci daquele mote literário: o sono solto da mulher, despreocupado, indiferente; o silêncio e a solidão daquelas artérias, enquanto todo mundo celebrava, distante; um ou outro balão, silencioso no céu sanguíneo; e, sobretudo, a força daqueles versos que invocavam vozes, cantigas e risos – reais e imaginários – e, em mim, o pesar daquilo que não se viveu...

2 Prefeito de Feira de Santana alerta sobre risc disseminação da Covid-19 durante São João e que população seja prudente

3 Gripário e tratamento pós-coronavírus são urgentes, em meio a "colapso na rede hospit diz vereador

4 Justiça proíbe mais uma vez o corte de salári professores; Prefeitura de Feira irá recorrer

5 Guarda Municipal e PM vão impedir comérci fogueiras, em Feira de Santana; intuito é evit aglomerações

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

O São João no Centro de Abastecimento

Carne em self service virou luxo de rico

Liberação da Sputnik V traz esperanças

INÍCIO O TRIBUNA ANUNCIE AQUI EDIÇÃO IMPRESSA VOCÊ NO TRIBUNA FALE CONOSCO

redacao@tribunafeirense.com.br

75 99151-1623
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
@tribunafeirense